

**A TEMÁTICA DA TELEVISÃO
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização para Educadores de Jovens e Adultos, Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão / Universidade Federal do Paraná sob a orientação das professoras Rossana Finau e Angela Mari Gusso.

FRANCISCO BELTRÃO

1998

**A TEMÁTICA DA TELEVISÃO
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização para Educadores de Jovens e Adultos, Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão / Universidade Federal do Paraná sob a orientação das professoras Rossana Finau e Angela Mari Gusso.

FRANCISCO BELTRÃO

1998

AGRADECIMENTOS

A DEUS

Por não nos ter abandonado nos momentos mais difíceis, e por nos ter dado força para que chegássemos até aqui.

AOS PROFESSORES

A todos os professores, especialmente às professoras Angela Gusso, e Rossana Finau, pela orientação do trabalho, nossa sincera gratidão.

AOS FAMILIARES

Por todas às vezes que nos compreenderam e nos apoiaram.

AOS COLEGAS

Pelo entendimento, ajuda e pela amizade. E que tudo o que aprendemos seja luz para nossos caminhos.

Escrever é o mais adequado meio para a formação de nossa personalidade, como seres livres, independentes, realizados intimamente.

Escrever é lutar contra os que nos impingem idéias prontas, frases feitas para substituir nossos pensamentos e nossa linguagem. Pensemos nisso.

Dediquemo-nos à redação, principalmente por esses motivos. A redação faz nos meditar sobre a vida, sobre os homens e sobre nós mesmos. Leva-nos a ser mais humanos a amar nosso semelhante, a respeitá-lo, a comunicarmo-nos com ele mais freqüentemente. E, sobre tudo, como será gratificante conquistar a escrita! Dominar os recursos da palavra, da frase, do discurso variado e rico.

Ver nossas idéias, notem bem, nossas idéias, claramente expressas, a serviço da cultura, da união entre os homens, da valorização do que é verdadeiro e honesto, do que é belo e puro.

(André,Hildebrando)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - PROPOSTA PARA UM NOVO ENSINO DE LÍNGUA.....	3
CAPÍTULO II - PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	12
TEXTOS 1 - A Televisão.....	14
TEXTOS 2 - A Televisão.....	20
TEXTOS 3 - Televisão e Violência.....	23
TEXTOS 4 - Hoje.....	28
TEXTOS 5 - Tira.....	32
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

INTRODUÇÃO

A educação - preparação de cada ser humano para a vida social- acontece na família, no grupo social mais amplo, na escola, no trabalho. Cada um desses espaços realiza predominantemente um aspecto da formação do indivíduo.

Nesse processo, ação , pensamento e linguagem são fundamentais, são os traços marcantes da presença humana no mundo.

A linguagem está na raiz do pensamento humano: ao longo do séculos pensamento e linguagem permitiram ao homem ir atribuindo significados ao mundo. Pela linguagem o homem compartilha esses significados com ou outros homens. A linguagem permite a comunicação; através dela cada um pode expressar suas individualidades e ter acesso ao patrimônio cultural da sociedade.

A escola, como local privilegiado da transmissão do conhecimento, tem grande responsabilidade no trabalho com a linguagem e é por este motivo que o Curso de Especialização para Educadores de Jovens e Adultos nos fornece a oportunidade de analisarmos mais profundamente os estudos realizados por autores como : Possenti (1996), Faraco (1992), Mandryk (19987), Tezza (1992), Lajolo (1982), Freire (1982), Soares (1989) e outros, cujas teorias estudamos e, a partir desse estudo, conseguimos compreender melhor a função da linguagem e repensar nossa prática pedagógica que, como podemos constatar, não está efetivamente voltada para formação do sujeito, do cidadão crítico, consciente e politizado.

Em vista disso, apresentamos no primeiro capítulo, o resultado do estudo realizado que nos dá a clareza da função social da escola, do homem que se quer formar e do trabalho que nós, professores de língua, devemos realizar com a linguagem para assegurar ao nosso aluno o domínio da oralidade, leitura e escrita,

o que lhes possibilitará a construção de saberes indispensáveis para a sua atuação social e compreensão de mundo.

No segundo capítulo, desenvolveremos uma unidade prática de ensino, na qual, a partir da escolha de um tema, foram elaboradas atividades de leitura, oralidade, interpretação , análise lingüística e produção de textos, o que proporcionará ao aluno um melhor entendimento da funcionalidade e uso da língua.

CAPÍTULO I

PROPOSTA PARA UM NOVO ENSINO DE LÍNGUA.

Essa unidade de ensino tem por objetivo o estudo e análise dos pensamentos de vários autores, no que diz respeito ao ensino da língua, com vistas à obtenção de embasamento teórico para o desenvolvimento das atividades práticas constante no segundo capítulo.

Para realização desta análise há que se levar em conta, primeiramente a importância da linguagem na vida dos indivíduos.

O homem vive em sociedade e, por isso, tem necessidade de comunicar-se, de interagir com seu semelhante e isso se dá através da linguagem. Ela é o instrumento fundamental para que essa comunicação aconteça. Mas, a função básica da linguagem não é só comunicar. É, também, persuadir e convencer, o que significa desejo de interferir na opinião dos outros, modificando suas condições e julgamentos. A linguagem é, pois, dotada de intencionalidade que visa a influenciar o comportamento do interlocutor, fazendo com que ele compartilhe de determinadas opiniões.

Nesta reflexão é importante ter claro que a produção da linguagem nasceu de uma necessidade social e histórica. Essa idéia se explica através das palavras de ENGELS (1986: 1)

“ Numa palavra, os homens, num determinado momento de sua evolução, tiveram necessidade de dizer coisas uns aos outros. Dessa necessidade nasceu o órgão vocal: pouco a pouco, mas sem interrupção, a linguagem do macaco, em estágio apenas insipiente, foi se modificando através de modulações, que, por sua vez, produziam modulações mais perfeitas e as articulações da boca evoluíram no mesmo ritmo aplicando o número de sons articulados” .

A relação entre os primórdios da civilização e o ensino da língua está na compreensão da linguagem como uma realidade social e histórica construída a partir de uma necessidade humana que serve de trama a todas as relações sociais.

Perceber essa natureza social da linguagem é, portanto, o caminho para compreendermos o seu caráter dialógico e interacional.

Mandrik (1987) afirma que são os encontros dialógicos entre locutores e interlocutores que definem a linguagem. Esses locutores e interlocutores são sujeitos socialmente organizados, que têm experiências e visões - de - mundo diferenciadas. Essas diferenças, segundo FARACO (1992), é que fazem a linguagem um conjunto heterogêneo de variedades.

A língua é, então, uma realização que varia no espaço e no tempo. Cada variedade tem a sua norma, isto é, as suas características, o seu grupo de falantes e a variedade dita "padrão" tomada como modelo para o ensino é aquela oriunda de um grupo de falantes de maior poder e prestígio social e econômico. Isto não significa, porém, que é a variedade melhor, a mais "correta". Segundo estudos realizados no campo da sociolinguística, todas as variedades são igualmente válidas.

Sabe-se que a forma de fala, isto é, a variedade linguística que foi "eleita" como língua padrão nada tem a ver com a qualidade intrínseca dessa forma e sim com determinante histórico econômicos e políticos.

E, conforme fala GERALDI (1991), a escola não recebe apenas alunos provenientes das camadas mais beneficiadas da população. A clientela da escola possuem diferenças dialetais muito grandes. São representantes de vários grupos sociais que estão sentados nos bancos escolares e a escola deve saber como valorizar estas variedades ao mesmo tempo em que evidencia a importância da língua dita padrão.

Conforme aponta SOARES (1983), há os que consideram que defendem a idéia de que a escola ao respeitar e preservar a variedade lingüística das classes populares deveriam também assumir esta variedade como instrumento legítimo do discurso escolar do professor e do aluno e também do material didático. Por outro lado, há os que afirmam que as classes populares é que devem aprender as

variedades das classes dominantes para que possam, dessa forma, manter com ela a mesma relação que as classes dominantes mantêm garantindo assim a superação das desigualdades sociais e aquisição do conhecimento e do prestígio.

O mais viável é que a escola oportunize os alunos o domínio do dialeto padrão, sem que isso signifique a depreciação da forma de falar predominante de sua família em seu grupo social. É preciso romper com o bloqueio de acesso ao poder e a linguagem é um dos caminhos. Se ela serve para bloquear serve também para romper o bloqueio. A escola não vai modificar a estrutura social, mas é sua obrigação contribuir para que isso aconteça, através do ensino da língua.

Entretanto, conforme FARACO/MANDRYK (1987), a escola trata burocraticamente o ler, escrever e falar, ignorando a flexibilidade da língua e insistindo no ensino da gramática pela gramática, no apego à prática de avaliar os alunos pelos erros e não pelos acertos e desvalorizando as variedades lingüísticas dos educandos.

Para mudança deste quadro caótico de ensino da língua várias propostas de reformulação já estão presentes no processo, respondendo às exigências da modernização da sociedade e garantindo aos estudantes o efetivo domínio dos três eixos que norteiam este mesmo ensino da língua: a oralidade, a leitura e a escrita.

O sistema escolar deve, portanto, tornar o aluno competente no maior número possível de variantes e normas. Por outro lado deve considerar legítima a realização lingüística do aluno, assegurando-lhe a identidade cultural e, por outro lado, não pode negar-lhe o acesso à variedade padrão, pois isso seria uma forma de discriminação, um impedimento à sua possível ascensão social.

Para uma melhor compreensão das vias de acesso a essa ascensão social, através do domínio da norma padrão, vale analisar-se mais detalhadamente o eixo leitura considerando-se o que diz PAULO FREIRE (1983) :

“a compreensão crítica do ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele “.

(p.11,12)

O ato de ler, portanto, não deve ser considerado uma atividade isolada, uma decodificação, um pretexto para exercícios gramaticais, como ocorre, geralmente, na escola. A leitura deve ser crítica. O leitor deve, através dela, perceber as relações entre o texto e o contexto, perceber a intencionalidade do autor e posicionar-se criticamente em relação ao texto, atribuindo-lhe significações.

Um texto pode ter várias significações ou várias leituras possíveis, dependendo da maturidade do leitor. Para LAJOLO (1982), a maturidade do leitor se constrói através da sua intimidade com muitos e muitos textos. O leitor maduro é aquele que consegue, a cada leitura, descobrir novos significados para o texto e, com isso, ampliar o seu conhecimento e a sua compreensão do mundo.

O ato da leitura transforma e edifica a consciência humana. Através da leitura, o leitor tem a oportunidade de enriquecer-se interiormente, valorizando-se como sujeito criativo e ativo na transformação da sociedade em que vive.

Segundo SOARES (1983), *“quem sabe ler é capaz de agir politicamente, de participar de ser livre, responsável, e consciente. É capaz de ser sujeito histórico e político enfim, ser cidadão”*. (p.12)

A relação entre leitura e cidadania deve ser entendida no conjunto mais amplo dos determinantes sociais, políticos e econômicos que inviabilizam o exercício da cidadania. Cabe à escola contextualizar o acesso à leitura no quadro mais amplo dos determinantes da cidadania, vendo-a como um meio entre outros, de luta contra a discriminação e injustiças sociais.

Entende-se, portanto, que a leitura é um instrumento na luta pela conquista da cidadania. E não há possibilidade de cidadania sem o amplo acesso de todos à leitura, tanto como instrumento imprescindível à vida social, política e profissional como forma de lazer e prazer.

Nesta análise da leitura devemos levar em conta, também, que há uma multiplicidade de textos circulando na nossa sociedade e é preciso saber lê-los. Do simples aviso ao texto literário, a leitura deve ser um processo dinâmico que leva o leitor a questionar, confrontar, levantar e testar hipóteses, buscar significados, descobrindo, enfim, que o texto oferece múltiplos sentidos e que, através da ampla

compreensão do mesmo, ele é capaz também de compreender melhor o mundo, relacionando as “suas histórias de leitura” com a história de leitura do texto.

Cabe à escola contribuir para que o aluno leitor, através da sua prática diária na sala de aula, possa transitar por todos esses caminhos da leitura dos textos e do mundo.

No que tange à oralidade, considere-se que chegada da criança à escola é o início de um processo de convivência no, espaço escolar que não acontecerá sem conflitos. O aluno traz consigo para a escola muitas coisas diferentes: o que sente, o que pensa sua visão de mundo e, especial, a linguagem, em relação a qual ela já tem um desempenho e uma competência satisfatórios.

Cabe à escola proporcionar a este aluno condições lingüísticas para aprender a compreender o mundo complexo do qual faz parte e a agir dentro deste mundo. Através dos subsídios oferecidos pela escola o aluno terá condições de falar com fluência e situações formais, expressar com clareza suas idéias, ter consistência argumentativa ao defender seus pontos de vista. Aprenderá, também, conviver democraticamente com os colegas ouvindo com atenção e interesse suas idéias e seus argumentos.

Através da produção oral o aluno estará preparado para aprendizagem da produção escrita que deve ser vista com maior interesse pela escola, pois na prática pedagógica vigente o aluno escreve para o professor corrigir e dar a nota no final do bimestre e não para dizer alguma coisa a alguém.

Isso não quer dizer, porém, que a comunicação oral é igual à comunicação escrita. Na comunicação oral estão presentes, os gestos os olhares, a entonação de voz, a repetição, mudança de assunto, as redundâncias, as variedades dialetais que não prejudicam a compreensão global da mensagem. Já na comunicação escrita é necessário que o escritor mantenha a coesão e a coerência textual, a unidade do tema, o respeito à apresentação formal, o uso de parágrafos, acentuação, pontuação uso de iniciais maiúsculas, e etc.

Para SILVA (1987), produzir um texto oral ou escrito é, na verdade, pôr para fora de si, algo interior, adquirido por intermédio de diferentes leituras; é dialogar com o leitor, quer se fazendo ouvir, quer se fazendo ler.

No que diz respeito à produção escrita é necessário que se considere primeiramente o interlocutor, pois é a partir daí que o escritor vai decidir a respeito do assunto, e a maneira com o mesmo será explorado e apresentado ao leitor. O escritor, colocando-se no lugar do leitor, vai julgar e rescrever o texto tanto quanto for necessário para que apresente a maior clareza possível.

É necessário que a produção de texto não seja uma atividade isolada. Deve partir sempre da leitura de outros textos (verbais ou não verbais) que servirão de referência. A leitura, é claro, não garante sozinha a formação de bons escritores. É imprescindível que haja a intervenção pedagógica. O professor deve interagir com o aluno e intervir quando os textos estão sendo e quando já foram escritos propondo revisões, reescrita, análise coletiva das características comuns de redigir dos alunos.

Ao se focalizar a escrita, como competência a ser adquirida na escola deve-se considerar, como já foi dito, as práticas orais que certamente irão se transformar em contato com a escrita. Cabe à escola e ao professor criar situações propícias ao desenvolvimento das habilidades de falar e escrever, não distanciadas das reais situações de uso da língua. Os textos eleitos para escola e nela produzidos pelos alunos não devem, portanto, estar desvinculados de suas funções sociais.

Tomar o real como base, evitando as práticas meramente formalísticas, pode ser um caminho profícuo de aprendizagem da língua que leva o aluno a uma atividade ativa e criativa que diz respeito à leitura, à oralidade e à escrita. Para POSSENTI (1996) :

“Falar é um trabalho. Ler e escrever são trabalhos. A escola é um lugar de trabalho. Ler e escrever são trabalhos essenciais no processo de aprendizagem. Mas não são exercícios. Se não passarem de exercícios eventuais, apenas para a avaliação, certamente sua contribuição para o exercício da escrita será praticamente nulo.” (p.43)

É indispensável, portanto, que o professor, especialmente o de língua, execute seu trabalho com seriedade, competência e criatividade, descobrindo novos meios de realizar uma prática pedagógica na qual o aluno seja sujeito - ativo e criativo, agente de seu próprio desenvolvimento.

Criadas as condições para atividades interativas efetivas em sala de aula - quer pela introdução de textos, quer pela leitura de textos ou pela oralidade - é no interior destas e a partir destas que se processa a análise lingüística que, segundo GERALDI (1991), "é um conjunto de atividades que tomam uma das características da linguagem como seu objeto" (p.28). Isto quer dizer que a linguagem não serve só para falar sobre o mundo ou sobre a relação com as coisas, mas serve também para falar sobre ela mesma, sobre o uso que se faz dela.

Como se sabe, a criança, antes de entrar na escola já tem um certo domínio sobre a linguagem. Ela consegue entender e se fazer entender sem saber regras gramaticais. A escola deve se preocupar em ampliar o seu conhecimento sobre o uso da língua, através do estudo dos conteúdos gramaticais sempre de forma contextualizada e funcional .

Ao se falar em ensino de gramática o comum é o professor posicionar-se contra ou a favor desse ensino, mas é necessário entender que não se deve ensinar a gramática pela gramática e nem aboli-la da escola para que o domínio das atividades verbais sejam concretizadas.

É importante deixar claro que a análise lingüística deve ser feita a partir dos textos produzidos pelos alunos e também dos textos impressos. Nos seus próprios textos, os alunos detectam e resolvem os problemas e na análise de textos impressos os alunos aprendem com os autores.

Para que o aluno entenda ou produza bem um texto é necessário que ele conheça bem a natureza das palavras e sua funcionalidade nas frases, que perceba as igualdades e desigualdades descobrindo as incoerências e convivendo harmoniosamente com o mundo das palavras.

É evidente que mudar a prática pedagógica não é uma tarefa fácil. O ensino da gramática, pura e simplesmente através de exercícios soltos está

profundamente arraigado à prática escolar. Os cursos para formação de professores ainda não superaram o tradicional, o arcaico no ensino da língua e as próprias gramáticas também são contraditórias e fragmentadas em seus conteúdos.

Obviamente, é impossível prever todas as atividades de análise lingüísticas que podem ocorrer numa sala de aula. O importante é que a escola, e especialmente os professores de língua, oportunizem ao aluno subsídios para que ele, através da interação e da intimidade com a linguagem, possa descobrir a funcionalidade dela assim dominar os mecanismos da oralidade, leitura e escrita.

Se o objetivo do ensino da língua em nossas escolas é este e mais, o de oportunizar o domínio do dialeto padrão, devemos considerar que um ensino de língua que concebe a linguagem como lugar de um processo de interação exige que reconsideremos “o que” vamos ensinar.

Neste sentido, a alteração da situação atual do ensino de língua portuguesa exige uma concepção de linguagem diferente que não se caracteriza, apenas em mudanças nas técnicas e métodos usados na sala de aula, mas também na construção de uma nova metodologia em um novo conteúdo de ensino. Não se pode, por exemplo, exigir que o aluno saiba analisar a variedade culta através de exercícios contínuos e descrição gramatical, estudo de regras, quando ele nem se quer tem o domínio desta variedade.

Professor e aluno perdem a maior parte de seu tempo e esforço tentando aprender a metalinguagem de análise da língua, sem se preocupar com os exercícios de língua propriamente ditos.

Saber a língua, dominar as habilidades de seu uso em situações completas de interação, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra é totalmente diferente de saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagens, a partir das quais se falam sobre a língua e se apresentam suas características estruturais.

Nesta perspectiva é fundamental que os educadores discutam e reflitam sobre o que estão ensinando, de que maneira estão ensinando, a importância e relevância desses conteúdos ensinados e, dessa maneira, ensinar para a compreensão de mundo dos seus alunos.

Esta reflexão dará aos educadores maior clareza sobre as mudanças que devem ser feitas para favorecer aos alunos o domínio de conhecimentos relevantes para a compreensão da realidade.

É preciso partir da realidade, trazê-la para dentro da escola. Os problemas sociais como saúde, trabalho, violência, desigualdade social, miséria e também os avanços da ciência e da tecnologia, os direitos humanos, a proteção ou a devastação do meio ambiente são problemas do nosso tempo e atingem, de alguma forma, nossa vida, portanto, não podem ficar do lado de fora da escola.

Mas não se trata, porém, de aprender essas questões de uma forma simples ou corriqueira: é preciso ir além e compreendê-las. Os vários campos do conhecimento, representados nas disciplinas do currículo, é que poderão, também, fornecer instrumentos para essa compreensão. E é aí que se faz necessário trabalhar com a interdisciplinaridade.

Transformar o tratamento dado aos conteúdos sistematizados, de forma a oferecer ao aluno subsídios para que possa estabelecer relações entre esses conteúdos, analisando-os sob vários ângulos e pontos de vista, proporcionando assim uma integração real entre as disciplinas, com uma ampla visão e compreensão do mundo através da análise dos fatos que ocorrem no dia a dia.

Infelizmente, a escola ainda representa, para os alunos uma experiência estranha, solta e sem significado. Mas o caminho está aberto para que elas se transformem num ambiente estimulante onde o aluno aprenda, através dos atos de ler, escrever e falar, a ser sujeito de sua própria história.

CAPÍTULO II

PRÁTICA PEDAGÓGICA

O conhecimento humano, em qualquer área ou aspecto, é um processo em contínua construção. As exigências cognitivas e afetivas do adulto diferem daquelas da infância, mas todos sofrem o impacto das mudanças tecnológicas, econômicas e sociais, que exigem constante adaptação às novas formas de vida e trabalho. Para a sua sobrevivência, satisfação pessoal e profissional, para exercer plenamente a sua cidadania, o indivíduo necessita atualizar-se freqüente e permanentemente.

A escola, que é a grande responsável pelo conhecimento, não pode continuar repetindo velhas práticas pedagógicas sem sentido, que não se preocupam com o desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

No trabalho com a linguagem, que é a ferramenta de acesso do indivíduo ao conhecimento, os professores, em especial os professores de língua, devem ter clareza e competência suficientes para desenvolver um trabalho voltado ao desenvolvimento das capacidades de ler, escrever e falar do indivíduo, para que ele possa interpretar melhor os conhecimentos e conhecer melhor o mundo que o rodeia.

Nesta perspectiva é que procuramos desenvolver esta unidade de trabalho. O tema **A TELEVISÃO** e sua influência, foi escolhido por se tratar de algo que está presente na vida de crianças, adolescentes, jovens e adultos praticamente em todos os momentos do dia, influenciando positiva ou negativamente a todos.

Os adolescentes que formam a clientela da sétima série, a que se destina este trabalho, têm na televisão uma fonte de lazer e prazer e, talvez, por falta de outras opções se apegam exageradamente a ela, especialmente a programas que influem negativamente em sua vida, como os que exaltam o sexo e a violência.

Quanto à avaliação dos trabalhos, levaremos em conta a identificação do aluno com o tema, a sua participação no decorrer do processo ensino-aprendizagem, adotando critérios que sirvam para subsidiar tomadas de decisões em relação a continuidade do trabalho pedagógico.

Num processo de interação contínuo, professor e aluno se auto-avaliarão, a fim de que possam situar-se melhor no mundo em que vivem, compreendendo-o e agindo no sentido de transformá-lo a favor do ser humano de todos os seus humanos, igualmente.

Faremos da avaliação uma busca, no sentido de averiguar o que o aluno já sabe e o que ele não sabe, buscando mecanismos para sanar as dificuldades dos que por ventura não tenham chegado à aprendizagem, usando o “erro” uma fonte de virtude para se chegar ao sucesso.

TEXTO N° 1

A TELEVISÃO

Objetivos :

- Oportunizar ao aluno ler buscando a compreensão do texto.
- Dar oportunidade ao aluno para expressar-se com clareza e espontaneidade.
- Identificar as idéias expressas pelo texto, relacionando-as ao cotidiano familiar.
- Oportunizar ao aluno trabalhar com as variedades linguísticas, optando pela variedade padrão.
- Subsidiar o aluno para que produza textos com clareza e consistência argumentativa.

Conteúdos de leitura.

- Leitura silenciosa;
- Leitura oral pelo professor e / ou aluno(s);
- Leitura dramatizada.
- Interpretação do texto.

Conteúdos de Oralidade e Escrita :

- Comentários;
- Debates;
- interpretação;
- Produção de texto (de opinião).

Conteúdos de Análise Linguística:

- Uso adequado do dicionário;
- Emprego e função dos conectivos;

- Compreensão de que a língua é um conjunto de variedade linguísticas;
- Diminutivos com expressão de simplicidade.

Duração: Três horas / aula.

Avaliação:

A avaliação será feita pela participação dos alunos, e pela produção de texto.

A TELEVISÃO

01 Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro,
02 em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida. Sete horas da noite
03 era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para
04 depois pegar uma sessão das oito no cinema. Agora, todo mundo fica em
05 casa vendo uma novela, depois outra novela.

06 O Futebol também pode ser prejudicado. Quem vai ver um jogo do
07 Estrela do Norte F.C., se pode ficar tomando cervejinha e assistindo a um
08 bom Fla - Flu ou a um Inter x Cruzeiro, ou a qualquer coisa assim?

09 Que a televisão prejudica a Leitura de livros, também não há dúvida. Eu
10 mesmo confesso que lia mais quando não tinha televisão. Rádio, a gente
11 pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro. Televisão é incompatível
12 com livro - e com tudo mais nesta vida, inclusive uma boa conversa.

13 Também acho que a televisão paralisa a criança numa cadeira mais do
14 que o desejável. O menino fica ali parado, vendo e ouvindo, em vez de sair
15 por aí, chutar uma bola, brincar de bandido, inventar uma besteira qualquer
16 para fazer.

17 Só não acredito que a televisão seja máquina de fazer doido. Até acho
18 que é o contrário, ou quase o contrário: é máquina de amansar doido, distrair
19 doido, acalmar, fazer doido dormir.

20 Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação
21 que se pode fazer é que não existe nenhum aparelho de TV, a cores ou em
22 preto e branco, sem um botão para desligar. Mas quando um pai de família o
23 utiliza, isso pode produzir o ódio e rancor no peito das crianças e até de
24 outros adultos.

25 Quando o apartamento é pequeno, a família é grande e a TV é só uma,
26 então sua tendência é para ser um fator de rixas intestinas.
27 - Agora você se agarra nessa porcaria de futebol...
28 - Mas, francamente, você não tem vergonha de acompanhar essa
29 besteira de novela?
30 - Não sou eu, são as crianças!
31 - Crianças, para a cama!
32 Mas muito lhe será perdoado, TV, pela sua ajuda aos doentes, aos
33 velhos, aos solitários. Nas grande cidade - num apartamentinho de quarto e
34 sala, num casebre de subúrbio, numa orgulhosa mansão - a criatura solitária
35 tem nela a grande distração, o grande consolo, a grande companhia. Ela
36 instala dentro de sua toca humilde o tumulto e o frêmito de mil vidas, a
37 emoção, o suspense, a fascinação dos dramas do mundo.

(Rubem Braga, 200 Crônicas Escolhidas.
Págs. 392 - 393, Círculo do Livro, 1977, São Paulo)

1.0- Leitura.

- 1.1 - Leitura Silenciosa;
- 1.2 - Leitura pelo Professor;
- 1.3 - Leitura oral pelos alunos (dramatizada).

2.0- Oralidade.

- 2.1- Comentários sobre o texto;
- 2.2- Opiniões e debates sobre o texto e os fatos vivenciados no cotidiano do aluno.

3.0 - Interpretação Escrita

- 3.1- Destaque do texto as palavras cujo significado são desconhecidos ou duvidosos, e com o auxílio do dicionário, tire suas dúvidas.

3.2- Segundo o autor, quais as atividades que deixam de ser realizadas em virtude da presença da televisão?

3.3 - Segundo o texto, há mais pontos positivos ou negativos em relação à televisão? Trace um paralelo.

3.4- Por que quando um pai de família desliga a televisão pode produzir o ódio e rancor das crianças e até de outros adultos?

3.5- Você concorda que a televisão é uma ajuda aos velhos, aos doentes, aos solitários? Justifique.

3.6- Na sua opinião, a televisão é um veículo que é capaz de paralisar a criatividade da criança? Por quê?

4.0- Análise Lingüística

4.1- Nas linhas 10 e 11 há a frase: “Rádio a gente pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro”. Passe - a para a linguagem culta.

4.2 - O último parágrafo do texto inicia com a conjunção **mas**. Troque - a por outra sem mudar o sentido da frase.

4.3 - Na linha 35 a palavra **nela** refere - se a qual elemento do texto?

4.4 - Na linha 33, o autor usou a palavra **Apartamentinho**. Qual a intenção no uso desta palavra no diminutivo?

4.5- No interior do texto, encontramos mecanismos, ou seja, palavras ou expressões que permitem estabelecer entre os elementos lingüísticos relações de sentido. Geralmente são conjunções, pronomes, sinônimos ou advérbios. Encontre nas linhas 09 e 13 as palavras ou expressões que estabelecem coesão. Que tipo de relação elas estabelecem ?

4.6- Dê a função dos travessões das linhas 33 e 34.

4.7- Retire do texto as falas que estão no discurso direto, e transcreva-as no discurso indireto.

5.0- Produção de Texto

5.1- Redija um texto de opinião, entre 10 a 15 linhas, posicionando - se contra ou a favor da televisão. Os textos serão revisados e se necessários reescritos, lidos pelos alunos e expostos no quadro mural, para que as outras turmas possam apreciar, formando também a sua própria opinião sobre o tema.

TEXTO N° 2

A TELEVISÃO.

Objetivos;

- Praticar leitura silenciosa e oral, buscando a compreensão do texto.
- Posicionar-se criticamente sobre as idéias do texto.
- Exercitar o uso dos conectivos e o emprego adequado da pontuação.
- Produzir texto narrativo com criatividade e sensibilidade.

Conteúdos de Leitura:

- Leitura Silenciosa;
- Leitura oral pelo professor e / ou aluno(s);
- Interpretação do texto.

Conteúdos de Oralidade e Escrita:

- Comentários;
- Discussão;
- Interpretação;
- Produção de texto (narrativo).

Conteúdos da Análise Linguística;

- Coesão textual (conectivos);
- Pontuação;
- Acentuação;
- Verbos.

Duração: Duas horas / aula.

Avaliação: A avaliação será feita pelos argumentos quando dos comentários do texto pela produção escrita.

A TELEVISÃO

01 A televisão, apesar de nos trazer uma imagem concreta, não fornece
02 uma reprodução fiel da realidade. Uma reportagem de tevê, com transmissão
03 direta, é o resultado de vários pontos de vista: 1) do **realizador**, que controla
04 e seleciona imagens num monitor; 2) do **Produtor**, que poderá efetuar cortes
05 arbitrários; 3) do **camaraman**, que seleciona os ângulos de filmagens;
06 finalmente, de todos aqueles capazes de intervir no processo de transmissão.
07 Por outro lado, alternando sempre os closes (apenas o rosto de uma
08 personagem no vídeo, por exemplo) com cenas reduzidas (a vista geral de
09 uma multidão), a televisão não dá ao espectador a liberdade de escolher o
10 essencial ou o acidental, ou seja, aquilo que ele deseja ver em grandes ou
11 pequenos planos. Dessa forma, o veículo impõe ao receptor a sua maneira
12 especialíssima de ver o real.

(Muniz Sodré - A comunicação do grotesco)

1.0 Leitura:

- 1.1- Leitura silenciosa pelos alunos.
- 1.2- Leitura do texto pelo professor e /ou aluno (s).

2.0 Oralidade:

- 2.1- Comentários sobre o texto.

3.0 Interpretação Escrita:

- 3.1- Segundo o texto, quem pode interferir na fidelidade de uma reportagem?
- 3.2- Qual a função do realizador do produtor e do camaraman?
- 3.3- Comente a última frase do texto.
- 3.4- Explique a expressão "Cortes arbitrários".
- 3.5- O que seria: "Uma reprodução fiel da realidade".

4.0 Análise Linguística.

4.1- O pronome relativo **que** nas linhas 03,04 e 05 se relacionam aos nomes que o antecedem. Reescreva as linhas substituindo o **que** por **o qual** e observando se essa substituição altera o sentido das frases.

4.2- A palavra **veículo**, na última linha do texto, se refere a que elemento do texto?

4.3- Por que as palavras das linhas 05 e 08 são acentuadas? Justifique?

4.4- No texto há expressões que indicam ações realizadas no presente e outra no futuro. Retire do texto frases que ocorram esses casos.

4.5- Reescreva a última frase do texto substituindo a palavra **especialíssima**, por outra equivalente.

4.6- Observe o uso dos parênteses nas linhas 07, 08 e 09, entre eles estão contidas explicações. Em casos como esses os parênteses podem ser substituídos por travessões ou vírgula. Reescreva as frases substituindo os parênteses por vírgula ou travessões.

5.0 Produção de Texto:

Já ocorreu de você estar assistindo um programa e cortarem a imagem que mais lhe interessava no momento? Narre a sensação que você sentiu.

O trabalho terá como interlocutores os próprios alunos da classe para que cada um, perceba as diversas reações que o ser humano pode ter.

TEXTO N ° 3

TELEVISÃO E VIOLÊNCIA.

Objetivos:

- Ler oralmente cooperando para a socialização do grupo e para a desinibição de alunos tímidos e retraídos.
- Levar o aluno a entender as linhas e compreender as entrelinhas da mensagem que o autor quer transmitir.
- Desenvolver no educando a capacidade de expressão, através dos debates.
- Proporcionar ao aluno subsídios para análise de ditos populares.
- Explorar o papel dos elementos coesivos.
- Produzir textos com consistência argumentativa levando em conta o interlocutor.

Conteúdos de Leitura:

- Leitura silenciosa;
- Leitura oral pelo professor e / ou aluno(s);
- Interpretação do texto.

Conteúdos de Oralidade e Escrita:

- Comentários;
- Discussão;
- Interpretação;
- Opiniões sobre propaganda;
- Produção de texto (elaborar propostas).

Conteúdos de Análise Lingüística.

- Linguagem padrão;
- Conotação;
- Coesão;
- Pontuação;

– Reescrita.

Duração: Três horas / aula.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados pela análise lingüística, pela compreensão e produção do texto.

TELEVISÃO E VIOLÊNCIA.

01 Nos dias de hoje, a formação da mentalidade e da opinião pública é
02 largamente dependente dos veículos de comunicação de massa, que
03 selecionam o que devo ver, ouvir e ler. Eles não apenas informam, mas, na
04 grande maioria das vezes, interpretam o que transmitem, de maneira a
05 bloquearem em mim a possibilidade de exercer meu próprio senso crítico
06 para interpretar o fato divulgado.

07 A televisão, o rádio, o cinema, o jornal são elementos do cotidiano. Sua
08 presença constante, a intimidade que sugerem, leva - nos a consumir suas
09 verdades e habitua - nos à passividade.

10 Dentre esses meios de comunicação, ganha especial realce a televisão,
11 que cria intimidades, isolando; a fascinação que exerce sobre a população,
12 seu domínio sobre nossas vontades, parecem estar no fato mágico de diluir
13 realidades e fantasias, amalgamando - as num consumismo puramente
14 passivo, de imagens e idéias.

15 A televisão nossa de cada dia está cheia de violências políticas, que
16 interiorizamos passivamente - também uma violência -, como se o que nos
17 mostra nenhuma relação tem conosco. Criando ilusões de novos estilos de
18 vida, repletos de carros modernos, de barcos singrando mares verdes, com
19 mulheres belas dourando seus corpos em sóis permanentes primaveris, com
20 única condição que fumemos o cigarro X ou Y, ela não somente nos vende
21 um produto de consumo - incidentalmente, que pode levar - nos à morte -, ela
22 impõe valores de vida , transforma as fantasias douradas em razões de vida
23 e nos diz que o fumo - como qualquer outro tipo de droga - pode dar o que a
24 realidade nega.

25 No fundo, no fundo, ela tenta nos imbecilizar, fazendo crer que o que
26 põe à nossa frente é a verdade. Assim sendo, prepara o caminho para dizer
27 outras verdades - não aquelas que se referem ao consumo de outros
28 produtos, mas aquelas que dizem mais de perto à nossa condição de
29 cidadão.

30 Afinal, quem, no dia - a - dia, vende a calça que uso, o cigarro que fumo,
 31 a pasta de dente que utilizo, o apartamento em que moro, que me aconselha
 32 como investir o dinheiro, acaba, naturalmente, por dizer - me também o que
 33 devo pensar, o que devo fazer, como devo agir em tais ou tais situações,
 34 numa palavra, determinando meu comportamento não apenas como
 35 consumidor, mas, sobretudo, como cidadão.

(Odália, Nilo. - O que é violência - São Paulo, Brasiliense, 1983, págs. 58 - 60)

1.0 Leitura:

- 1.1- Leitura silenciosa pelos alunos.
- 1.2- Leitura do texto pelo professor e / ou aluno(s).

2.0 Oralidade:

- 2.1- Comentário sobre o texto;
- 2.2- Discussão do texto;
- 2.3- A televisão pode influenciar o comportamento das pessoas não apenas como consumidoras de produtos mas também como cidadãs. De que forma isso ocorre? Cada grupo de alunos elabora a resposta e um representante da equipe expõe aos colegas.

3.0 Interpretação Escrita.

3.1- A expressão "... também uma violência...", que aparece no quarto parágrafo, se refere a que fatos do texto?

3.2- De que forma a televisão pode influenciar o comportamento das pessoas não apenas como consumidoras de produtos, mas como cidadãs?

3.3- No dia a dia, usamos a expressão "o pão nosso de cada dia". No quarto parágrafo, o autor usou a expressão "a televisão nossa de cada dia". O que permitiu a construção desse jogo de palavras?

3.4- Explique o significado de “veículo de comunicação de massa”.

3.5- A televisão além de informar transmite os fatos já interpretados. De que maneira isso atinge as pessoas?

4.0 Análise Lingüística:

4.1- Reescreva a primeira frase do primeiro parágrafo do texto, substituindo as expressões “nos dias de hoje” e “largamente” por outras de igual sentido.

4.2- O termo **interpretam** na linha 04 refere - se a qual elemento do texto?

4.3- A quem se refere **eles** na linha 03? E **sua** na linha 07?

4.4- Justifique o uso da vírgula entre as palavras *a televisão, o rádio, o cinema, o jornal*, na 1ª frase do 2º parágrafo.

4.5- Quando usamos uma palavra com um sentido novo, diferente do que lhe é próprio, estamos usando a palavra no sentido **conotativo**. No 5º parágrafo há expressões no sentido conotativo. Retire - as e tente explicá - las.

4.6- O que significa dizer “cigarro **X** ou **Y**”, na linha 20?

4.7- Por que existem dois travessões na linha 23?

5.0 Produção de texto

Atividade Oral - Você já se sentiu influenciado por propaganda televisiva e acabou por comprar o produto? O produto correspondeu às suas expectativas ou você se sentiu lesado? Caso você não se deixe influenciar por propagandas, explique o porquê desse comportamento.

Produção de texto - Sabemos que a TV é um veículo de comunicação de massa de maior audiência. Se vocês fossem donos de um canal cuja audiência estivesse em baixa, o que fariam? Que tipo de programas lançariam para reconquistar o público? Apresentem as propostas.

Cada grupo apresentará os seus trabalhos aos colegas e ao professor, com o objetivo de analisar a criatividade e a visão dos grupos.

TEXTO Nº 4

HOJE.

Objetivos:

- Desenvolver no aluno a capacidade de ouvir com atenção e interesse.
- Auxiliar aluno a desenibir-se através de dramatização.
- Oportunizar aos alunos traçarem paralelos entre textos.
- Levar o aluno a perceber as ligações entre os vários elementos que compõem o texto.
- Redigir com fidelidade sobre cenas do cotidiano.

Conteúdos de Leitura:

- Leitura silenciosa;
- Leitura oral pelo professor e / ou aluno(s);
- Interpretação do texto.

Conteúdos de Oralidade e Escrita:

- Dramatização;
- Discussão do texto;
- Interpretação;
- Produção de texto (narrativo).

Conteúdos da Análise Lingüística.

- Coerência e coesão textual;
- Conotação e denotação;
- Substantivos;
- Tempos verbais;
- Adjetivos;
- Pronomes indefinidos.

Duração da Aula: Três horas / aula.

Avaliação:

A avaliação será feita pela observação de todas as atividades realizadas, priorizando a produção escrita e a reescrita.

HOJE

01 Nas noites de verão, ou todas as noites, depois do jantar, o pai
02 abandona a mesa. Ainda com a xícara de café na mão, ele se dirige à caixa
03 quadrada. A deusa dos raios azulados espera o toque. Para emitir som e luz,
04 imagem e movimento. Todos se ajeitam. O lugar principal é para o pai.
05 Ninguém conversa. Não há o que falar. O pai não traz nada da rua, do dia - a
06 - dia, do escritório. Os filhos não perguntam, estão proibidos de interromper.
07 A mulher mergulha na telenovela, no filme. Todos sabem que não virá visita.
08 E se vier alguma, vai chegar antes da telenovela. Conversas esparsas
09 durante os comerciais. A sensação é que basta estar junto. Nada mais.
10 Silenciosa, a família contempla a caixa azulada. Os olhos excitados, cabeças
11 inflamadas. Recebendo, recebendo. Enquanto o corpo suportar, estarão ali.
12 Depois, tocarão o botão e a deusa descansará. Então, as pessoas vão para
13 as camas, deitam e sonham. Com as coisas vistas. Sempre vistas através da
14 caixa. Nunca sentidas ou vividas. Imunizadas que estão contra a própria vida.

(Brandão, Ignácio de Loyola. - Dentes ao Sol - Rio de Janeiro, Codecri, 1980, pág. 28.)

1.0- Leitura:

- 1.1- Leitura silenciosa pelos alunos;
- 1.2- Leitura do texto pelo professor e / ou aluno(s).

2.0 Oralidade:

- 2.1- Dramatização do texto;
- 2.2- Discussão sobre texto.

3.0 Interpretação:

- 3.1- Por que as crianças não fazem perguntas quando todos estão assistindo à TV?
- 3.2- O título é coerente com o texto? Por quê?

3.3- O que é “A deusa dos raios azulados”, e porque Ihe foi atribuída a característica de deusa?

3.4- Explique a expressão: “Olhos excitados e cabeças inflamadas”.

3.5- Comente: “O lugar principal é do pai”.

3.6- O que há em comum entre o texto 01 (A televisão - de Rubem Braga) e o texto 04 (Hoje - de Ignácio de Loyola Brandão)? Explique.

4.0 Análise Lingüística

4.1- Na expressão “*Então, as pessoas vão para as camas, deitam e sonham*”. Qual a função do conectivo e?

4.2- Na frase “*A mulher mergulha na telenovela, no filme*”. O verbo mergulhar está empregado no sentido conotativo.

a) Qual o significado do verbo mergulhar no contexto?

b) Conforme explicação na letra A, construa períodos empregando este mesmo verbo no sentido denotativo.

4.3- Na linha 10 há duas palavras derivadas. Destaque - as, dê os seus primitivos e construa frases.

4.4- Que tempo verbal predomina no texto? Justifique com passagens do texto.

4.5- A quem se refere o pronome indefinido todos que aparece na linha 4 do texto?

4.6- Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo - lhe qualidade, estado, ou modo de ser. Busque no texto, nas linhas 10 e 11, os adjetivos existentes, dizendo a que substantivos se referem e os efeitos que eles produziram no texto.

5.0- Produção de texto

Produza um texto narrativo relatando a cena que ocorrerá na sua casa hoje, após o jantar. Troque seu texto com os colegas, para leitura.

TEXTO Nº 5

TIRA

Objetivos:

- Observar os alunos enquanto lêem silenciosamente, objetivando corrigir postura e observar reações.
- Fazer perguntas aos alunos a fim de observar o nível de compreensão.
- Proporcionar ao aluno o trabalho com **tira** levando-o a interpretá-la com precisão.
- Determinar com precisão o significado das palavras, identificando entre elas semelhanças e diferenças ou oposições.
- Desenvolver no aluno a criatividade e o senso de humor.

Conteúdos de Leitura:

- Leitura em dupla;
- Interpretação do texto.

Conteúdos de Oralidade e Escrita:

- Comentários;
- Dramatização;
- Interpretação;
- Produção de texto (tira).

Conteúdos de Análise Lingüística.

- Formação das palavras;
- Pronomes;
- Verbos.

Duração Aula: Uma hora / aula.

Avaliação: Os alunos serão avaliados pela criatividade da produção das tiras

TIRA.



(Tim Davis)

1.0- Leitura:

1.1- Leitura em dupla.

2.0- Oralidade:

2.1- Comentários;

2.2- Dramatização.

3.0- Interpretação:

3.1- Retire do texto **A Televisão**, de Rubem Braga; **Televisão e Violência**, de Nilo Odália; **Hoje** - Ignácio de Loyola Brandão, expressões que condizem com a tira.

3.2- Que expressão usada por Garfield comprova que a televisão aliena?

3.3- "Sei lá" é uma expressão usada pelos adolescentes. Liste outras expressões da linguagem própria do adolescente.

3.4- Observe uma conversa entre um grupo de adolescentes e anote algumas expressões usadas. Podem ser gírias.

4.0- Análise Lingüística

4.1- Destaque o prefixo da palavra televisão, e dê o significado da palavra.

4.2- Substitua o verbo ver da última fala por outro equivalente.

4.3- Na frase: “*A que você está assistindo?*”, você é um pronome usado entre amigos. Caso você fizesse a mesma pergunta ao Presidente da República, que pronome você usaria? Reescreva a frase.

4.4- A tira está no discurso direto. Reescreva-a passando para o discurso indireto.

5.0- Produção de texto

Crie uma tira de uma cena familiar em frente à televisão. As tiras serão expostas no quadro mural da escola. Algumas serão publicadas no jornal do município.

CONCLUSÃO

Diante de tantos problemas que enfrenta no ensino público, o educador sente-se frustrado, protesta, busca saídas. Traçar uma trajetória solitária em busca de alternativas novas é, em qualquer área de atividade humana, sempre difícil e, na maioria das vezes, desalentador, por trazer poucos resultados.

Compartilhar com os colegas os sonhos, as esperanças, as dúvidas e anseios surgidos na busca de mudanças parece ser a única forma de construir algo consistentemente novo.

É com este pensamento que, ao concluirmos este curso, queremos compartilhá-lo com todos os colegas, professores de língua para que, juntos, possamos compreender e assumir a verdadeira função do ensino de língua nas escolas.

Não se trata, é claro, de começar tudo de novo, nem de inventar nada original. Trata-se, sim, de repensar nossa prática, atividade esta que já se iniciou com a realização deste trabalho, e ir fazendo, gradativamente, os ajustes e as reorientações necessárias, sempre na direção pretendida de compreensão do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBERGER. *Como Incentivar o Hábito da Leitura*. SP: Ática, 1996.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. SP: Scipione, 1992.
- FARACO, Carlos Alberto. *Escrita e Alfabetização*. SP: Contexto, 1992.
- FARACO, C. A ., MANDRYK, D. *Prática de Redação para Estudantes Universitários*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FARACO, C. A ., TEZZA, C. *Prática de Texto*. RJ: Vozes, 1992.
- _____ *Oficina de Texto*. Apostila UFPR, 1996.
- FAZENDA, Ivani. *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro*. SP: Loyola, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Leitura: Teoria e Prática*. SP: Mercado Aberto, 1985.
- _____ *A importância do Ato de Ler*. SP: Cortez, 1982.
- GERALDI, João Wanderley. (organizador). *O Texto na Sala de Aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.
- ILARI, Rodolfo. *A linguística e o Ensino da Língua Portuguesa*. SP: Martins Fontes, 1989.
- KOCH, I. V., TRAVAGLIA, L. C. *Texto e Coerência*. SP: Cortez, 1989.
- LAJOLO, Mariza. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. SP: Ática, 1982.
- POSSENTI, Sirio. *Porque (não) Ensinar Gramática na Escola*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.
- SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ - Departamento de Ensino do primeiro grau. *Currículo Básico*. Curitiba. Imprensa Oficial, 1992.
- SOARES, Magda. *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*. SP: Ática, 1989.
- VYGOTSKY, Levi S. *A Formação Social da Mente*. SP: Martins Fontes, 1978.